



GRITO no Nordeste

Ano 32
Nº 166
Jul/Ago 2000



BANCO DE IMAGEM/JC



ACR
ANIMAÇÃO DOS
CRISTÃOS NO
MEIO RURAL

EDITORIAL

Comapnheiros e comapanheiras, Estamos, mais uma vez, apresen—tando nosso boletim "O GRITO NO NORDESTE". Estamos atrasados, é verdade, mas isso não é motivo para nos desanimar. Como sabemos, tudo que é para o camponês, é di—fícil. Basta a gente acompanhar o que está acontecendo nos últi—mos dias, pelo Brasil a fora, com os **trabalhadores Sem-Terra**. Até o presidente da República mandou o **exército** para proteger a fazen—da dos filhos em Minas Gerais. É uma vergonha o Exército brasilei—ro servir de capanga de fazendei—ros. Mesmo que seja parentes do Presidente. Além do mais, os Sem-Terra não pretendem ocupar a fa—zenda, pois sabem que é produtiva. O que eles querem é pressio—nar o Governo federal. Da forma como ocuparam os prédios públi—cos, para forçar reação do gover—no, acamparam à frente da fazen—da do Presidente. O **ato** dos Sem-Terra, em acampar à frente da fa—zenda é um **ato profético**. É pre—ciso coragem para enfrentar os poderosos. E o nosso presidente é a personificação dos poderosos tanto do campo quanto da cidade. Sua política econômica é um de—sastre. Nem precisa repetir o que todo nós já sabemos. O governo de FHC está do lado dos ricos.

Seria bom que os comapnheiros nas reuniões discutissem sobre este as—sunto. É bom que reflitamos a que ponto chegou a falada democracia brasileira. Só há democracia para se fazer o que os poderosos deixam fazer. Todos vemos a guerra serrada contra os Sem-Terra por parte do Go—verno Federal e de alguns governos estaduais. Um exemplo é o Paraná.

Mas não percamos de vista. Anos atrás esta perseguição foi contra a ACR. Quando ia fazer uma reunião a polícia federal ia fiscalizar. As correspondências eram abertas e todo tipo de perseguição. Naquele tempo, estava errado mas tinha a desculpa de que estávamos numa **di—tadura militar**. Mas agora o que é?

O Governador de Minas Gerais, **Itamar Franco**, que faz oposição ao Governo Federal, não aceitou perse—guir os Sem-Terra. Nós sabemos que por traz de muitos gestos políti—cos de Itamar Franco está a sua at—titude de aparecer como oposição a FHC e, conseqüentemente, ser acei—to como o candidato à Presidência em 202. Mas também podemos tirar uma lição disto: o **único** governa—dor, fora o do **PT**, que está em o—posição a FHC é Itamar. Todos os outros estão de cabeça baixa, acei—tando tudo. Itamar já fez a maior confusão com a moratória, e agora este epsódio dos Sem-Terra.

A REDAÇÃO

Rua Jacaúna, 390 - Iputinga - 50670-160 - Recife - TEL/FAX 0XX81 2712034



Pe. José Servat nasceu em
PAMBERS - França em 1922.

UM GRITO NO NORDESTE

A EXPERIÊNCIA DA A.C.R. NO BRASIL - 1965 a 1986

II - HISTÓRIA DA ACR

A ACR (Animação dos Cristãos no Meio Rural, antigamente Ação Católica Rural) quis inserir-se na longa tradição de luta por uma vida livre e digna, que marca a história dos trabalhadores rurais do Brasil, sobretudo no Nordeste. Por isso, não podemos deixar de lembrar alguns aspectos dessa caminhada: Zumbi e a República dos Palmares (Alagoas) que tentaram romper as cadeias do cativo da escravidão, as experiências de Antônio Conselheiro, em Canudos (Bahia) e do Beato José Lourenço, em Caldeirão (Ceará).

Mas é com Julião e suas Ligas Camponesas que na década de 50 os problemas do campo - em particular a terra - foram levados à discussão pública pelos camponeses organizados. Antes, podia se falar em Movimentos Messiânicos, animados por um líder religioso. A ação das Ligas despertou a Igreja. Ela não soube entrar, naquela época, na dinâmica desse movimento e colocar o seu peso sociológico na luta. Mas mesmo que não tenha aceitado Julião, não ficou mais defendendo o "status quo" tradicional e entrou na luta com o povo do campo.

Ela criou o sindicalismo tanto como forma de criar espaços não controlados pelo Comunismo, quanto desejosa de ajudar o povo do campo a afirmar-se na sociedade.

As Ligas deram consciência a muita gente. Em diversos lugares, militantes cristãos tiveram que escolher ou a Igreja (Congregações Marianas, Vicentinos, Paróquias) ou a luta com a classe (Ligas Agrárias).

Parte da Igreja e alguns padres mais novos e dinâmicos jogaram-se na luta sindical, fundando órgãos da classe camponesa em diversos Estados e Dioceses do Nordeste.

Nessa preocupação de tornar o povo do campo agente de sua libertação, apareceram a JAC, antes de 1950, e a ACR, Movimento de adultos em 1965. Com eles, camponeses se levantavam, tomavam consciência das situações que viviam e entravam na reivindicação popular. Na Igreja, esses movimentos significaram uma profunda mudança. É o povo cristão do campo que assume o seu destino,

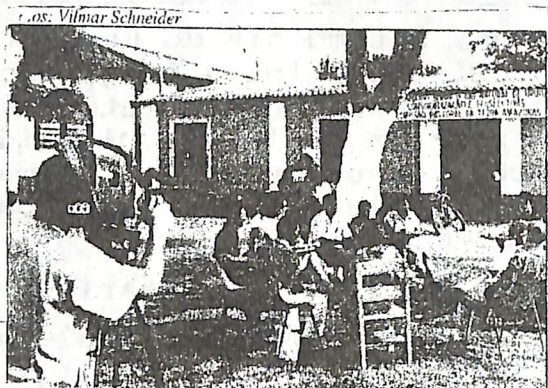
ligando-se a todas as forças vivas que querem transformar a sociedade. Por sua vez, deixando de ficar de fora das mudanças históricas, sobretudo abandonando a postura tradicional de manter o "status quo", uma parte da Igreja se quis profética, denunciadora das injustiças, comprometida em mudanças que anunciaram um mundo novo, mais justo e mais fraterno. Esse fermento no mundo vai tornar-se, pouco a pouco, força eficaz na sociedade.

A JAC (Juventude Agrária Católica) começou antes dos anos 50 um trabalho de educação com os jovens rurais do Nordeste e do Sul do Brasil. O Movimento se desenvolveu onde encontrou simpatia e ajuda do clero e começou um trabalho promissor. Depois de 1964, as dificuldades se multiplicaram. Os dirigentes eram sobretudo filhos das classes mais favorecidas do campo, o que criou conflitos na condução do movimento de jovens do meio popular. O Movimento terminou em 1969.

Em 1964 as organizações populares, que representavam as esperanças dos pequenos desapareceram ou entraram na situação de silêncio prudente. Como vimos, nesse tempo, a Igreja tradicionalmente ligada ao poder, tinha grandes dificuldades para descobrir a realidade e desligar-se das forças que duramente mantinham no cativeiro a maioria da nação.

Quem quis acompanhar o povo camponês precisou começar de uma maneira nova, humilde, silenciosa, sem grandes manifestações nem declarações provocadoras. Os camponeses — sobretudo depois de 31 de março — se consideravam ainda mais do que antes como "sapo debaixo do pé do boi" e naquele tempo a melhor atitude era de "cócoras" entre eles, preparando no silêncio ou em conversas animadas, os caminhos da esperança. O essencial para quem queria solidarizar-se com a caminhada dos trabalhadores rurais era poder encontrar-se com eles nas situações dolorosas que viviam. Para isso, precisava merecer total confiança deles e ligar-se num mesmo destino. Nasceu uma amizade que estava acima das diferenças de língua, cultura, tradições de Igreja e condições de vida. Assim, o padre como todo e qualquer outro agente de pastoral, brasileiro ou estrangeiro, era reconhecido como "companheiro de luta" na mesma caminhada.

Pe Joseph Pierri Auguste Servat
Fundador da ACR do Brasil
Vigário de Itapissuma-PE



Realizou-se, em Pesqueira, PE, nos dias 04, 05 e 06 de agosto, um Encontro inter-diocesano da A.C.R.e, infelizmente, as pessoas da Diocese de Nazaré não puderam participar. Participaram, além dos de Pesqueira, pessoas de Recife, Palmares e Caruaru, especificamente, de Taçaimbó; onde há um trabalho novo.

Após a celebração eucarística, presidida pelo Padre José Maria e, em seguida a apresentação dos participantes e exposição da programação e dos temas a serem trabalhados, o estudo começou, em grupos; tendo a seguinte orientação para discussão:

- * Como você vive em sua Comunidade?
- * Como você participa das coisas?
- * O que você gostaria de fazer...?
- * Como você gostaria que fosse sua vida, com relação a:
 - a) Trabalho b) Estudo; c) A vida
 - d) Com relação ao futuro...?

Ao voltar para a Assembléia, para pôr em comum os debates dos grupos ouviu-se, entre outras, as seguintes respostas:

- * Vivemos trabalhando na roça e estudando;
- * Participamos das atividades da Comunidade ajudando os outros;
- * Que nosso trabalho tivesse um rendimento melhor;
- * Que diminuísse a violência e a fome, a falta de moradia...;
- * Que os jovens participassem mais das igrejas...

Como a grande maioria dos participantes era formada por jovens e até adolescentes, essas e outras respostas corresponderam às expectativas da coordenação.

MISSÃO e Desafios

Depois da apresentação total de todas as respostas e o debate, Padre Joãozinho, monge basiliano e colaborador da A.C.R., fez uma comparação entre as Pastorais e Movimentos de Igreja. Conforme expôs, todas as pastorais, da criança; juventude, da família, etc, estão ligadas, diretamente, à coordenação pastoral de cada diocese e de cada paróquia. Já os Movimentos, como a ACR, a ACO, hoje, MTC, são ligados à Igreja enquanto movimentos de evangelização, diretamente, através da CNBB.

Acrescentou também que há muitos outros movimentos de evangelização diferentes da ACR. Há, por exemplo o Movimento Carismático e muitos outros que têm uma forma de atuar. Têm uma linha voltada mais para os aspectos litúrgicos e espirituais. A preocupação com os problemas sociais sempre foram a linha de trabalho dos movimentos de Ação Católica, com a ACO, JAC, ACR, etc.

Concluindo que a ACR não é melhor nem pior, mais ou menos importante; que os outros movimentos, os que são mais espiritualistas, mas ACR é uma maneira de ser Igreja. É uma maneira que achamos ser a mais adequada de viver a fé, através da prática da vida, evangelizar a partir da ação, de tentar viver essa dimensão profética da Igreja. Afirmou que o profetismo, por ser por essência um ministério leigo, movimentos leigos de evangelização, em comunhão com a Igreja hierárquica, isto é, os bispos e os padres, são a ação profética da Igreja, uma vez que, a Igreja somos todos nós, leigos, religiosos, ministros ordenados, como bispos, cardeais e o Papa. Finalizou dizendo que, nossa visão da sociedade baseia-se não nas ciências sociais mas no Evangelho que é a concretização da pregação dos Profetas.

Num outro momento do Encontro tivemos a participação e colaboração do Professor e companheiro Gerônimo. O tema abordado por ele foi os Ciclos Econômicos do Brasil.

Ele fez uma síntese mostrando que, do início da colonização portuguesa de 1500 até 1930, predominou o modelo agro-exportador. Ou seja, produção agrícola, como açúcar, café e outros para exportação. A partir de 1930 começou o modelo industrializador. Passou-se a investir pesado na indústria. Daí as grandes siderúrgicas, como a Companhia Siderúrgica Nacional, do Rio de Janeiro e que foi privatizada anos passados.

Mas a partir de 1980 começou, para valer, a globalização. Como já sabemos, os problemas principais desta globalização foram apontados por Gerônimo e debatidos com os participantes. São esses: concentração das riquezas; Dependência externa; a Dominação do Capital Financeiro; o Estado a serviço da elite, dos ricos; Monopólio dos meios de comunicação; Concentração da terra; Bloqueio da Cultura Popular e a Questão Ética. Com relação aos dois últimos pontos, vamos clarear: As tradições do povo não têm valor para a televisão, por exemplo. Se bem que, às vezes, usam a cultura popular como mercadoria. A questão ética é o seguinte. Ética quer dizer costume. Os costumes que a globalização nos impõe, através dos meios de comunicação, TV, Revistas, por exemplo, são, na maioria das vezes, contrários ao que pensa o povo, seus valores e tradições, e pior, muitas vezes, contrários aos valores cristãos. É o ter acima do ser, o egoísmo acima da solidariedade, o vale tudo acima dos bons princípios.

Essas questões despertaram um debate forte e enriquecedor. Muitos outros aspectos foram colocados, nessa e noutras ocasiões do Encontro. Além dos momentos de estudos e debates, houve muitos momentos de lazer, animação, cantos, apresentação musical, etc, e ainda a festa para confraternização. Padre José Maria, além de celebrar a Missa de abertura, fez uma palestra sobre a caminhada da evangelização da Igreja e nesse contexto o surgimento dos movimentos de Ação Católica e dentre esses, a A.C.R. do Brasil.

No dia 06, último dia do Encontro, o tema principal foi a programação que cada comunidade presente achava que poderia realizar. Divididos em grupos, planejou-se, entre muitas outras coisas, essas principais para serem realizadas:

- * Criação de Caixa Comunitária;
- * Visitar comunidades e reuni-las;
- * Fazer roça comunitária p/ Caixa;
- * Convidar jovens para reuniões;
- * Convidar Gerônimo para estudos;
- * Criar time de futebol p/ Jovens;
- * Realizar Bingos para Caixa;
- * Realizar Encontros de Base;
- * Enviar mais notícias p/ "Grito".

Foram apresentadas muitas outras propostas que se enquadram nessa lista. Outras considerações foram feitas mas estão no nível subjetivo, ou seja, são idéias, intenções que não se sabe como se concretizariam, como se realizariam.

Ainda com relação aos estudos, se verificou, a partir das colocações feitas por Gerônimo que, os maiores problemas do Brasil são:

- * O aumento do desemprego e da violência; inclusive nas pequenas cidades e no campo;
- * A precariedade da saúde do povo;
- * A falta de terra para o povo;
- * O abandono de assentamentos;
- * Falta de moradia e segurança;
- * Falta de perspectiva para a juventude que não vê futuro.

Esses e muitos outros problemas sociais, sempre existiram, mas se pode verificar, inclusive demonstrações de pesquisas do próprio Governo Federal, que, esses problemas vêm aumentando a cada ano.

Concluindo, queremos dizer que, os detalhes desse Encontro Interdiocesano de Pesqueira, Recife, Palmares e Caruaru, estão no Relatório e pode ser enviado para quem solicitar.

Também os companheiros devem enviar seus relatórios para que nós os publiquemos no "GRITO"

Equipe de Coordenação do "Grito"

Lembrado



Realizou-se durante uma semana uma programação em passagem pelo primeiro aniversário do falecimento de Dom Hélder Pessoa Câmara, Arcebispo Emérito de Olinda e Recife.

Durante a semana houve palestras com pessoas de grande envolvimento com a caminhada da Igreja Profética. Pessoas que desde aquela época dos sonhos de transformação da Igreja a partir dos pobres, como acreditava Dom Helder, fizeram palestras. Entre essas pessoas se fizeram presentes: Irmã Ivone Gebara, Religiosa e Teóloga, D. Marcelo Barros, Monge Beneditino, Fr. Beto, Monge Agostiniano...

A comemoração oficial realizou-se no domingo 27 com uma celebração eucarística na Igreja das Fronteiras, onde Dom Hélder morava e outra na Sé de Olinda, onde D. Hélder está sepultado. Mas encerrando a semana de comemoração a que nos referimos, no dia 26 houve um Culto Ecumênico na Igreja onde D. Hélder morou.

Estiveram presentes, além de inúmeras religiosas e amigos do Dom, pessoas de comunidades em geral e a participação de Igrejas Evangélicas, como a Batista; duas Igrejas Ortodoxas, a Antioquena e a Igreja Católica Ortodoxa Siriana e um representante da Comunidade Israelita.

Todos os representantes das Igrejas falaram. Por mais que dissessem não conseguiram expressar o que o Dom foi para a Igreja, do Recife, do Brasil e do Mundo. Pode-se comparar, em termos de mudanças e de participação do povo o seguinte: O que representou na política durante o Governo João Goulart e o primeiro Governo Arraes em Pernambuco, em termos de Igreja foi o mistério de Dom Hélder em Olinda e Recife. Quem não entendeu procure estudar este período de nossa história e compreenderá.

Em nossa fala dissemos que "o mistério é essencialmente leigo. Isto porque os padres, pastores e rabinos, têm dificuldades de fugir das normas, leis canônicas, a burocracia administrativa... São raríssimos os casos de sacerdotes profetas, tanto na tradição bíblica quanto na tradição cristã. Mas Dom Hélder teve a Graça de ter sido Sacerdote e também Profeta".

Dom Hélder não atuou só na divulgação de suas idéias renovadoras e transformadoras. Ele criou vários mecanismos concretos de ação social; levando as idéias à prática da vida do povo.

Criou a Fundação Esperança e dentre suas atividades implantou um Projeto de Reforma Agrária, em engenhos de cana-de-açúcar, transformando a comunidade em autônoma. Os trabalhadores assalariados dos canaviais passaram de caçacos-de-eito, de semi-escravos, a donos de seu pedaço de terra. Plantaram lavouras para o sustento da família e coletivamente continuaram plantando áreas de cana. Cana esta que não era mais do patrão, mas de todos, divididos os lucros por igual.

Além dessa Fundação D. Hélder também criou a "Obras de Frei Francisco" que atua em comunidades populares do Recife. Criou ainda a Comunidade Emaús que ajuda as pessoas e, estas quando ajudadas ajudam a outras pessoas saírem das dificuldades.

Esses são alguns exemplos concretos da atuação profética de D. Hélder Câmara. Isto mostra que apenas as palavras e a boa vontade não são o bastante para evangelizar. As palavras devem se transformar em ação concreta. Devem se transformar em coisas, como a Palavra de Deus, como está no Livro do Gênesis: "Deus disse, faça-se a Luz e a Luz se fez".

Pe João da Silva, OSBM
Ordem de S. Basílio Magno

A unidade que respeita as diferenças

O ano 2000 está sendo marcado por muitos esforços de diálogo e construção de unidade entre igrejas e mesmo entre religiões. Na próxima semana, no hemisfério sul, celebrar-se-á a semana de orações pela unidade dos cristãos. O que isso ensina a mim e a você, como pessoas?

Desde o início, as comunidades cristãs tiveram entre seus membros diferenças de pensamento, postura e modos de ser. No início, as igrejas eram pobres e pequenas. Conviviam com essa heterogeneidade (diferenças). No Novo Testamento, a forma com se apresenta o Cristo ou o papel da Igreja não é o mesmo nas cartas de Paulo, nos primeiros Evangelhos e nos escritos atribuídos a João. Mais tarde, Cipriano, bispo de Cartago, dirá: "A unidade abole a divisão, mas respeita a diferença".

Mais tarde, a Igreja aceita pelo Império Romano, acabou sendo a religião oficial. Tornou-se dogmática. As tendências minoritárias foram rejeitadas, as diferenças excluídas e o que pensa diferente visto como herege ou, ao menos, cismático. As igrejas se dividiram. Cada uma tomou um título que a absolutiza como única e desconhece as outras. Uma se chama "Católica", isto é, universal. O ramo oriental se intitula "Ortodoxo", enraizado na verdadeira fé. As comunidades nascidas na reforma se denominam "evangélicas".

Hoje, muitas igrejas têm consciência de que a divisão é contrária à vontade de Cristo. É um escândalo para o mundo e um obstáculo para a missão do cristianismo. Há cem anos, cristãos de várias confissões se unem, ao menos uma vez por ano para orar e trabalhar pela unidade. O movimento Ecu-

cumênico, pela busca da unidade entre as igrejas e entre religiões é um dos mais importantes fatos do século 20. A partir do próximo, a Semana de Orações pela Unidade reunirá as igrejas em cultos e trabalhos, aprofundando o caminho ecumênico da Campanha da Fraternidade 2000, no serviço à Paz e à Dignidade Humana.

O objetivo é a busca da unidade e não a uniformização (tudo igual). Não se trata de acabar com as igrejas concretas ou fundir estruturas ou impor uma coordenação central. A unidade da fé se dá na diversidade das comunidades e culturas. Não se visa o engrandecimento da instituição eclesial e sim a obediência ao mandamento de Jesus e à colaboração para que o mundo inteiro tenha paz e os povos vivam o diálogo e o respeito mútuo.

Ninguém pense que esse movimento foi inventado ou é interesse maior dos católicos. Quem começou o movimento ecumênico foi um grupo de missionários de protestantes. Até hoje a Igreja Católica não participa oficialmente do Conselho Mundial de Igrejas que começou em 48 e, hoje, reúne cerca de 340 confissões. A Igreja Católica só se abriu a esse movimento pela unidade nos anos 60. Aqui no Brasil, várias igrejas cristãs colaboram na Pastoral da Terra com os lavradores, numa forma nova de inserção e comunhão com comunidades indígenas em diversos serviços ao povo.

O respeito às diferenças e amor à unidade não deve existir só entre comunidades, mas no modo de ser de cada um, em suas relações pessoais e trabalhos. Em um culto na Semana da Unidade, um pastor afirmou: "Devemos ser felizes por ser-

mos diferentes. Quem de nós pretende esgotar a mensagem do Evangelho ou reduzi-lo a uma única voz ou a uma só forma de expressar a fé? Cada um deve olhar para o diferente para corrigir na sua vida o que é particular demais. Se não for assim, a nossa peregrinação se torna cruzada e o testemunho se torna ideologia e o próprio rosto, apenas uma caricatura. Sejamos contentes por sermos diferentes".

Dom Marcelo Barros, OSB

* Monge Beneditino e escritor



A Arquidiocese de Olinda e Recife tem um novo Bisbo auxiliar. É um Monge beneditino, Dom Antônio Fernando Saburido, OSB. Já era Vigário Geral e agora é Bispo auxiliar de Dom José Cardoso Sobrinho. Desejamos muito êxito ao novo Bispo em sua nova missão.

Fomos companheiros de D. Marcelo e de Dom Antônio Fernando, quando fomos Noviço no Mosteiro de São Bento em Olinda. Temos a dizer que, ao contrário do que muitos pensam, a vida monástica não é ficar trancado num convento (mosteiro), mas é dedicar-se ao serviço da Igreja.

Esses dois exemplos servem para vermos como de maneiras diferentes, um como escritor e o outro como bispo, estão dando suas colaborações à Igreja de Jesus Cristo.

Dom Marcelo é Prior (superior) do Mosteiro de São Bento lá em Goiás Velho e Vigário Geral, de Dom Tomás Balduino, quando era Bispo de lá.

Pe. Joãozinho, OSBM

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Este ano é ano eleitoral. Para as pessoas em geral eleição e política são a mesma coisa. Mas há uma diferença. A eleição é uma parte da Política. Há a Política, no sentido filosófico, da ciência, e existe as políticas específicas, para cada aspecto social. Vejamos então a política econômica do Brasil, conforme o governo, a época e as influências estrangeiras sobre nós.

No tempo da colonização, quando o Rei de Portugal enviou a turma dele para cá, a política era explorar o que tivesse aqui e levar para lá. Era a política extrativista: levar o "pau-brasil", ouro, gente (índio) para vender como escravo, e daí se imagina o que acontecia com o povo nascido aqui, os índios, e depois com os trazidos à força de África.

Ainda no tempo da Colônia, mudou-se a política econômica. Os portugueses começaram a plantar cana de açúcar para vender a produção a outros países. Já era então uma política diferente: em vez de pegar as coisas na mata e levar, plantava e transformava a planta em mercadoria para só depois vender. Em vez de ser o comércio, como a venda do pau-brasil, era também a indústria do açúcar.

Portugal só permitia que se fabricasse açúcar. O Brasil não podia desenvolver nenhuma indústria. Isto era monopólio de Portugal, ou seja, só ele podia fabricar as coisas lá em Portugal e vender. Com a chegada da Família Real ao Brasil, no ano de 1806, foi que Dom João VI abriu os portos brasileiros e permitiu que se instalasse indústrias. Afinal, o Brasil estava sendo a sede do Governo Português. Como se sabe, Dom João veio para o Brasil, com toda a corte fugindo de Napoleão que ia invadir Portugal.



Mas há uma coisa para que pensemos que é o domínio da nossa política econômica por países estrangeiros. Quando Portugal vendia pau-brasil e depois o açúcar, quem ganhava o dinheiro, na verdade, eram empresas comerciais de outros países, principalmente a Holanda que, dominou a indústria e o comércio açucareiro na costa nordestina por mais 20 anos. Se instalaram em Pernambuco, dominaram o Nordeste quase todo, e, queriam fundar um país aqui. João Maurício de Nassau chegou a fundar o Recife, praticamente.

Com a independência do Brasil a Inglaterra começou a dominar o Brasil economicamente, a começar pelo empréstimo que fez para o Brasil pagar a Portugal a indenização que foi cobrada, devido a Independência.

O tempo passou e, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial, Os Estados Unidos começaram a dominar a política econômica do Brasil. Hoje, não é apenas Os Estados Unidos mas os países mais ricos. Acontece que toda a política econômica, ou seja, a orientação da economia, está nas mãos o Fundo Monetário Internacional, FMI, e do Banco Mundial. Essas duas instituições são controladas pelos americanos.

Já mencionamos, noutro "Grito" mas é bom relembrar: Quando o comunismo assombrava o mundo capitalista, os americanos, por debaixo dos panos, botaram ditaduras militares em todos os países da América Latina. No Brasil, na Argentina, Chile, etc. Quando a União Soviética fracou e o comunismo acabou-se na Polônia, Alemanha, etc, e também na Rússia, os americanos tiraram, discretamente, os militares e voltaram os governos civis: Tancredo/Sarney no Brasil; Raul Alfonsín na Argentina, e daí por diante. Isto porque a economia socialista fracou e o capitalismo ficou só. Daí, a política atual de globalização. Os governos devem vender tudo e as empresas ficarem com todo o controle. Mandam no mercado e nos governos.

Jonh Bush

ELEIÇÕES 2000

Tá chegando as eleições
Como toda vez se ver
Os casacudos correndo
Querendo enganar você
Camarada se assunte
No que agora eu vou dizer

Eleições municipais
Vereador e prefeito
É preciso que você
Não vote em qualquer sujeito
Se não fica como está
E as coisas não têm jeito

Na sua comunidade
Se tiver um candidato
Se for gente boa e séria
Faça com ele um contrato
Vote nesse companheiro
E exija dele um trato

Reuna a Comunidade
Durante a reunião
Perguntem ao candidato
Se ele está ciente ou não
Em sendo vereador
Qual é a sua função

Porque gente às vezes boa
Que só faz bem e não mal
Mas quando vereador
Dá isso aquilo os escambau
E na prática fica sendo
Assistente social

Nem ele nem o prefeito
É pra dá nada a niguém
É para fazer as leis
Municipais e também
Fiscalizar o prefeito
Pra fazer o que convém

Toda prefeitura deve
Ter uma secretaria
Para ajudar o povo
Na hora das agonias
Assistência social
Seja José ou Maria

Não é para ficar dando
Como aquele pessoal
É para orçamentar
Para o ano o capital
Para ajudar os mais pobres
Em um caso especial



Poesia Popular

Se ele comprar seu voto
Ou lhe agradar depois
É porque tá lhe roubando
Feito feijão com arroz
Vereadores e prefeito
Formam um mesmo "combôio"

Não fique anarquizando
Quando um simples companheiro
Resolve ser candidato
Sem presença e sem dinheiro
Atenção que pode ser
Um candidato verdadeiro

O povo tem uma falha
Pois gosta da ditadura
Apoia só gente rica
Estudada e de figura
Esquece que isso é
A antiga escravatura

Já disse e torno a dizer
Para cabar esse mal
De roubalheira e escândalo
No governo federal
Precisamos começar
É pelo municipal

Conhecemos os prefeitos
Conhecemos os candidatos
Também os vereadores
Sabemos todos seus tratos
E porque vamos votar
Em candidato insensato?!

Recomendamos as mulheres
E jovens moça e rapaz
Que também se candidatem
Pois isso mudança traz
Mas se é apenas eleitor
Veja o que o político faz

As mulheres a nosso ver
Tem algo de diferente
Gerald Ford na América
Disse uma vez "Minha gente
Quando uma mulher for eleita
Homem não é mais Presidente"

João da Silva

Economia

SEM TRABALHO ...

Quando se fala em economia, pensa-se logo em gastar menos dinheiro. Este é o sentido comum, popular, de economia. Mas economia no sentido dos estudos, das ciências, é muito mais do que isto. Também se poderia pensar que economia são os grandes negócios, das grandes empresas, de grandes bancos, etc. E na verdade é. Só que esses grandes negócios, de empresas, bancos, etc, atingem a todos nós. Direta ou indiretamente nos afetam. Mesmo quando não percebemos. Vejamos um exemplo.

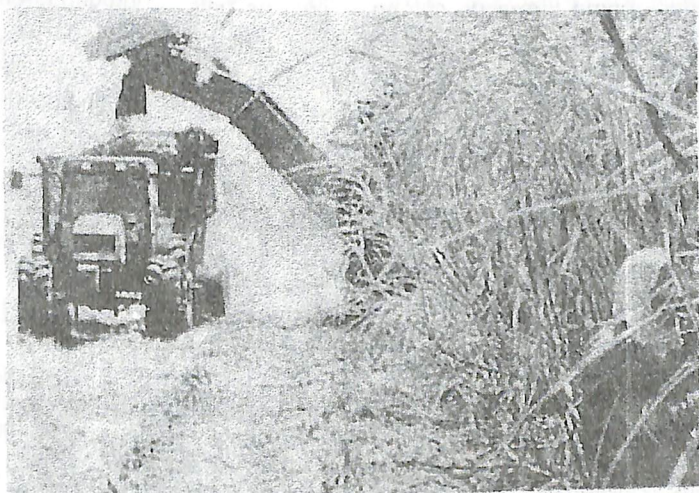
Nós sabemos que no Vale do Rio de São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco, há vários projetos de irrigação que, produzem, sobre tudo, frutas. Essa produção de frutas é vendida no Brasil e sobre tudo no exterior. Também há fabricação de vinho; o qual concorre com os melhores vinhos do Sul do País. Pois bem, vamos ao exemplo.

Na mesma região a que nos referimos há uma usina de açúcar no município de Juazeiro, Bahia. É a Usina Agrovale, uma das maiores do Nordeste. Ela só produz cana irrigada e chega a produzir 75% do açúcar da Bahia, ou seja, 2 milhões e meio de sacas por ano. Esta empresa tem 12 mil hectare de cana irrigada com a média de 1.050 quilos por hectare por mês, enquanto a média mundial é de 700 quilos por mês.

Até aí você deve estar se perguntando onde queremos chegar com esse exemplo. O exemplo é o seguinte: A Usina Agrovale resolveu trazer máquinas cortadeiras de cana para modernizar seu sistema de produção e aí começa o problema. Essas máquinas cortam e carregam 7 toneladas de cana em 10 minutos. Ela faz o trabalho de 80 trabalhadores. Lã, como a cana é boa e o terreno plano, um trabalhador chega a cortar 8 toneladas num dia.

É claro que 10 máquinas dessas ocupam lugar de 800 trabalhadores cortadores de cana. Então você se pergunta. Mas por que o dono dessa Usina não desiste das máquinas para não deixar tantos pais e mães de famílias desempregados? Mas acontece que negócio é negócio. Os donos das empresas querem ter mais lucros e gastar menos e não ter o compromisso com direitos a que os trabalhadores têm por lei. Se você fosse um empresário, possivelmente, pensaria assim também.

Não acontece só nas indústrias, no comércio e até no campo essa modernização. Já se faz filmes, propagandas, etc, com desenhos, feito pelo computador, no lugar de se botar os atores. Nos bancos, por exemplo, se retira e se põe o dinheiro, se paga contas, etc, nas máquinas. Diminuiu o emprego para os bancários e aumentou o lucro do banqueiro.



E agora, o que podemos fazer para que a tecnologia não continue desempregando os trabalhadores? Será que a tecnologia é ruim? Claro que não. Ruim é o modo como ela é usada. Em vez de ajudar o homem, de um modo geral, está servindo a uns e escravizando a outros. Não se pode imaginar o mundo, hoje, se não tivesse carro, telefone, energia elétrica, avião, etc. O desafio é se conseguir que tudo isso sirva igualmente para toda a humanidade. Aí é que entra a política social de cada governo. O nosso é o que estamos vendo: os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

IOANNES SILVAE

MULHER: Realidade indígena

Cresce Xukuru!

Entre os meses de agosto de 2000 e julho de 2001, 350 crianças e adolescentes Xukuru estarão fazendo arte e cultura. Não se trata de nenhuma "traquinagem" infantil-juvenil, é que durante este período, os jovens Xukuru participarão de oficinas de trabalhos manuais (colares, pulseiras, brincos e bordados), produção e aprendizado de instrumentos musicais, dança, teatro infantil e pintura corporal, leitura e contação de histórias, literatura de cordel e planejamento e gestão. O projeto *Crescendo Xukuru* busca o fortalecimento da identidade étnica de crianças e adolescentes indígenas, por meio de atividades complementares à escola, possibilitando à elas o uso criativo dos recursos disponíveis em seu meio, como forma de colaborar com os pais no sustento da casa e de incrementar o currículo escolar intercultural. O projeto foi elaborado pelo COPIXO, com a ajuda do Centro de Cultura Luiz Freire, e tem

o apoio do Unicef e da Fundação Abrinq.

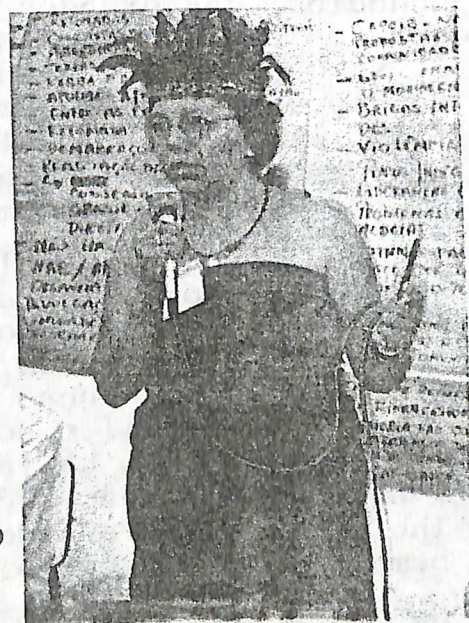
Revendo o passado

Um dos grandes méritos da "comemoração dos 500 anos de Descobrimento", que ainda se estende por todo o Brasil, foi trazer à tona aspectos importantes dos primeiros tempos da colonização do país. Entre eles, o despertar de interesse pela cultura indígena, com todas as suas peculiares tradições e diferenças!

História de índio para índios

A história e a cultura dos povos indígenas em Pernambuco está sendo contada para eles mesmos. O *Projeto Escolas de Índios*, com apoio do Ministério da Educação, realizará, até o mês de outubro, cursos sobre a

história e a cultura destes povos, ministrados por antropólogos como José Augusto Laranjeiras, Maurício Arruti e Vânia Fialho, além de Marcondes Secundino, sociólogo, e Edson Silva, historiador. A iniciativa busca apoiar as professoras Pankararu, Fulni-ô, Truká, Kambiwá, Kapinawá e Atikum na pesquisa que estão desenvolvendo sobre seus povos para a construção do currículo diferenciado.



PE - Truká fazem manifesto em Cabrobó

Edna Pajeú Truká

Além de participar dos protestos em Porto Seguro, nós, Truká, fizemos uma manifestação contra a festa dos 500 anos nas ruas de Cabrobó, no dia 19 de abril.

Nós não temos o que comemorar! Estamos indignados com o governo que violentou nosso povo e a memória de nossos antepassados. Resolvemos mostrar aos brasileiros como se fazem "outros 500". Abrimos as portas à toda população, que compareceu à uma exposição de fotos, vídeos e artesanato, além de várias apresentações culturais.

Nós já deixamos de ser minoria e lutamos, cada vez mais, pelos nossos direitos. Assim, nos tornaremos mais fortes e guerreiros.

O Homem Índio

O homem índio é forte, resistente, lutador, e, acima de tudo, perseverante. Apesar de tantos anos de massacre, ele continua lutando por um direito que é seu; o direito à terra, pois é dela que tira tudo para sua sobrevivência.

A mulher indígena é para nós uma grande guerreira; está sempre ao lado do homem índio, apoiando e lutando pelos seus direitos e repassando para os filhos nossas tradições, para que eles não percam os costumes e o amor à terra. Temos consciência de que não queremos a terra por ambição, e sim por amor.

Povo Xukuru Kariri: Fazenda Canto, Mata da Cafurna, Fazenda Boqueirão, Serra da Capela.



TRISTE HERANÇA!

Os povos nativos tinham um modo de vida onde todos eram iguais com suas responsabilidades desde o guerreiro ao Cacique ou Pagé. Desde criança cada um sabia o que fazer. Ninguém se aproveitava um do outro... Mas os portugueses semearam a semente da desigualdade, e hoje, os nativos lutam para não perder o pouco que lhes resta. E nesta luta estão as mulheres indígenas. A sociedade "branca" estragou tudo, inclusive a vida da mulher.

Ana Brown